

## CONAE 1

### Vamos parar de olhar o próprio umbigo? - O país da jabuticaba!

Roberto Lobo\*

05 de março de 2024

*"We should measure the prosperity of a nation not by the number of millionaires, but by the absence of poverty, the prevalence of health, the efficiency of public schools, and the number of people who can and do read worthwhile books."* ("Devemos medir a prosperidade de uma nação não pelo número de milionários, mas pela ausência de pobreza, pela prevalência da saúde, pela eficiência das escolas públicas e pelo número de pessoas que podem e leem livros que valem a pena") - W.E.B. DuBois, historiador, sociólogo e ativista americano.

*"I can't change the direction of the wind, but I can adjust my sails to always reach my destination"* ("Eu não posso mudar a direção do vento, mas posso ajustar minhas velas para sempre chegar ao meu destino") - Jimmy Dean, cantor americano

O Brasil está preparando o Plano Nacional da Educação 2024-2034. O pano de fundo é o insistente fracasso dos estudantes brasileiros nos testes do PISA<sup>1</sup> da OCDE. Colocamos estudantes mais adiantados, cursando o ensino médio (que são agora a maioria de nossos representantes no teste) para tentar melhorar nossa posição na comparação com os demais países, mas continuamos derrapando vergonhosamente.

O Vietnam, saído de uma guerra civil destruidora, já nos deixou longe nos resultados do PISA. Francamente!

Continuamos no platô da mediocridade desde 2003, sem grandes variações de governo para governo, e, embora tendo tido um aporte crescente de recursos, isso não alterou nossos resultados.

Como fazer um plano exigente e ambicioso capaz de melhorar o desempenho nacional frente aos demais países?

Nos documentos que venho lendo como base do novo PNE, incluindo o CONAE, pouca coisa das experiências internacionais bem sucedidas está sendo aproveitada no Brasil.

Como colaboração à discussão do Plano Nacional de Educação 2024-2034 faço a seguir um resumo, com alguns comentários, de um livro da autora americana Vivien Stewart que analisa em *"A World-Class Education"*<sup>2</sup> alguns sistemas educacionais mais bem sucedidos no mundo baseada, principalmente, nos resultados do exame do PISA, motivada pelos resultados medíocres obtidos pelos EUA neste exame internacional para

---

<sup>1</sup> PISA: Programa Internacional de Avaliação de Alunos da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE

<sup>2</sup> Editora ASCD, 2012

estudantes de 15-16 anos, tendo em vista a riqueza do país e os altos investimentos feitos nesta área.

Vivien Stewart<sup>3</sup> é conselheira sênior em educação e foi vice-presidente da Asia Society, onde foi responsável por seus programas para promover o estudo da Ásia e outras regiões do mundo, culturas, idiomas e questões globais em escolas dos EUA e para construir conexões entre líderes educacionais dos EUA e da Ásia.

Por 10 anos, Vivien dirigiu programas para crianças e jovens na Carnegie Corporation de Nova York, onde moldou agendas em educação infantil, reformas de escolas urbanas, ensino e desenvolvimento saudável de adolescentes. Ela foi também fundamental na criação do Centro Nacional para Crianças na Pobreza e do Conselho Nacional para Padrões de Ensino Profissional. Em 2007, ela recebeu o Prêmio Harold W. McGraw, Jr., em Educação.

Bill Gates teceu importantes considerações sobre essa obra de Vivien:

*“...Estamos gastando duas vezes mais em educação hoje do que há 20 anos. No entanto, os estudantes americanos ficaram em 17º lugar em ciências, 25º em matemática e 14º em leitura nos dados mais recentes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a avaliação global mais usada do desempenho dos alunos. Quem está vencendo os EUA nessas categorias importantes – e como?”*

*Vivien Stewart em seu livro, “A World Class Education”, analisa cinco países – Cingapura, Canadá, Finlândia, China e Austrália – onde os alunos estão se saindo significativamente melhor em avaliações globais do que os alunos nos EUA. Apesar das diferenças nos sistemas políticos e contextos culturais desses países, existem algumas políticas e práticas comuns que impulsionam o sucesso. Entender como outros países estão tendo sucesso pode oferecer insights que nos ajudam a fazer um trabalho melhor aqui nos EUA.*

*Como Stewart aponta, mesmo uma pequena melhoria nas habilidades da força de trabalho de uma nação pode ter um grande impacto em sua economia. Em um mercado global onde as empresas podem encontrar trabalhadores bem educados em um número crescente de países – muitas vezes a custos mais baixos – os EUA enfrentarão maior concorrência se essa tendência continuar.*

*A Finlândia é um exemplo interessante porque, ainda em 1970, apenas 40% dos adultos finlandeses possuíam um diploma do ensino médio. Hoje, seus alunos estão entre os melhores em avaliações globais da aprendizagem.*

*Uma chave para o sucesso da Finlândia foi a decisão em 1979 de exigir um mestrado de dois anos para todos os professores, mesmo aqueles que lecionam na escola primária. Os professores são treinados para identificar os alunos que não estão indo bem desde cedo, e cada escola tem uma equipe multidisciplinar de profissionais da educação disponíveis para apoiar os alunos e ajudá-los a*

---

<sup>3</sup> Vivien Stewart também atuou como conselheira política sênior do Representante Especial da ONU do Secretário-Geral para Crianças e Conflitos Armados, e foi pesquisadora visitante na Universidade de Columbia.

*recuperar o atraso. A Finlândia também eliminou a estrutura tradicional e a substituiu por uma abordagem mais flexível que incentiva a criatividade e a resolução de problemas, a aprendizagem individualizada e uma gama mais ampla de opções acadêmicas e vocacionais.*

*A modernização do sistema educacional da Finlândia ajudou a colocá-la nas fileiras dos países mais inovadores e prósperos. O PIB per capita na Finlândia é maior do que no Reino Unido, França ou Japão. E o magistério é uma profissão muito procurada e que é tida em alta conta...*

*...Tal como a Finlândia, Singapura decidiu que o seu futuro estava em explorar o seu capital humano. No sistema de Cingapura, todos os elementos-chave trabalham em estreita colaboração para produzir melhoria contínua. Na última década, Singapura introduziu opções de aprendizagem inovadoras e flexíveis para os estudantes. Tem até uma política chamada "ensine menos, aprenda mais" que é projetada para incentivar currículos mais inovadores e o uso do tempo de sala de aula.*

*Cingapura também está investindo significativamente em professores, com forte avaliação de professores e sistemas de pessoal e treinamento intensivo. Com tudo isso, não é realmente uma surpresa que os alunos de Cingapura estejam perto do topo nas avaliações internacionais, ou que seu PIB per capita seja maior do que os EUA, Canadá ou da maioria dos países da Europa.*

*Concordo com Stewart que a qualidade da aprendizagem dos alunos é tão boa quanto a qualidade dos professores. Nos EUA, será necessário investir em sistemas fortes de avaliação e desenvolvimento que envolvam os professores desde o início, incluam múltiplas medidas de ensino eficaz e que unam avaliações de professores com desenvolvimento profissional de alta qualidade.*

*Eu recomendo este livro como uma boa visão geral do que outros países estão fazendo, embora eu gostaria de ter visto mais dados. Por exemplo, o livro gasta muito pouco tempo com a duração do dia letivo ou do ano letivo, o que muitas pessoas pensam ser fatores-chave no desempenho educacional. E não explica como os EUA conseguem gastar tanto em educação sem ter turmas menores ou salários mais altos para os professores."*

É um depoimento importante de quem está sempre bem informado. Gastar mais em educação e não sair do lugar é filme que nós já vimos em nossa própria casa.

Apesar do livro de Vivien Stewart já ter mais de 10 anos, ao lê-lo é fácil perceber que ainda hoje não chegamos nem perto de evitar o nosso desastre anunciado.

Alguns autores nos EUA minimizaram estes resultados argumentando que, ainda que o ensino formal americano seja inferior aos de outros países, os EUA pontificam em seus centros de inovações e têm forte presença nos índices de competitividade internacionais. Porém, é preciso observar que mais de 35,5% das patentes americanas são originárias de pessoas nascidas fora dos EUA e metade destes residentes não são cidadãos americanos que tiveram boa educação, em geral, em seus países de origem: ou seja, o mau desempenho na educação básica é compensado pela capacidade dos EUA de atrair

pessoas altamente competentes e criativas por seu modelo econômico flexível e a valorização de talentos, venham de onde vierem.

Vivien Stewart no livro citado, “*A World-Class Education*”, indica alguns dos sistemas educacionais mais bem sucedidos no mundo. Ela destaca e desenvolve cinco políticas essenciais nas quais resumiu as prioridades para sucesso de um sistema educacional de qualidade internacional, que descrevo aqui incluindo alguns comentários:

- **Visão e liderança**

Embora não haja soluções rápidas e milagrosas em educação, observam-se melhorias significativas em muitos países em períodos de 5 a 10 anos. É preciso aceitar que mudanças profundas não ocorrem internamente aos sistemas educacionais, não importa o quanto os educadores tentem, nem imponham a “gestão democrática” em que se adota a estratégia de que as mudanças podem vir de um consenso amplo e desorganizado. É preciso que essas lideranças consigam criar uma coalisão entre os interessados, como professores, pais, estudantes, corporações e órgãos gestores e avaliadores das várias instâncias de governo. Idealmente, essas pessoas devem se reunir regularmente para monitorar os avanços obtidos, corrigir erros identificados e definir novos avanços.

Esta visão precisa englobar todo o sistema. Exemplos internacionais indicam, por exemplo, que não adianta recrutar professores qualificados sem modificar a organização e liderança das escolas, faz com que em algum tempo se perca esses bons professores. Líderes que prometem uma ou outra “*solução milagrosa*” não têm sucesso.

- **Objetivos Ambiciosos**

Países com educação de excelência definem metas ambiciosas para seus estudantes. De modo geral, nos países líderes na educação, essas metas são relativamente parecidas. Diferentemente dos EUA, os currículos têm mais foco e cobrem menos tópicos com mais profundidade, permitindo que os estudantes assimilem melhor os conteúdos antes de passarem ao tópico seguinte. Por cobrirem grande diversidade de tópicos, nas escolas americanas típicas, os currículos de matemática e ciências estão dois anos atrasados em relação aos países com melhor desempenho. A padronização dos objetivos também resulta em maior consistência e orienta a formação e o desenvolvimento profissional dos docentes.

- **Compromisso com a igualdade**

Um projeto educacional equitativo e inclusivo é talvez o mais poderoso instrumento que a sociedade tem para reduzir a desigualdade social. Em todos os países crianças com melhor condição financeira se saem melhor nos exames, mas os sistemas de melhor resultado usam diferentes estratégias para reduzir o impacto da origem social dos estudantes, valorizando os estudantes talentosos,

qualquer que seja sua origem. Na sala de aula, há uma grande variedade de intervenções visando a melhorar o desempenho dos alunos provenientes de famílias de mais baixa renda, especialmente em leitura, a área mais pesquisada neste item. Finlândia e Canadá são bons exemplos. Na Finlândia todo professor é treinado a atender os estudantes com graus diferentes de dificuldade. Em Cingapura, com sua população multilinguística e multiétnica, há pequenos grupos de aprendizado que se reúnem diariamente com estudantes que precisam de um apoio diferenciado. A separação prematura de estudantes pelo seu desempenho, ou perspectivas aumenta geralmente a desigualdade, principalmente nos anos iniciais. Entretanto, políticas inclusivas não devem desmerecer a meritocracia e, pior ainda, nivelar por baixo a exigência de desempenho para facilitar a aprovação de quem não aprende. Para incluir é preciso de fato apoiar e buscar condições e estímulos para que os mais atrasados superem suas dificuldades.

- **Professores e líderes de qualidade**

Todos os pontos anteriormente levantados são muito importantes, mas serão inúteis se não forem acompanhados pela qualidade do ensino e do aprendizado em sala de aula. Todos os sistemas de ensino bem sucedidos colocam enorme ênfase no recrutamento, preparação, apoio, distribuição, incentivo e avaliação de seus professores – a linha de frente da educação, como afirma a *Asia Society*. Um sistema funcional de alto desempenho exige responsáveis de alto padrão nos diferentes níveis hierárquicos. Os países com maior sucesso em geral estão permanentemente tentando valorizar a profissão docente e desenvolver lideranças capazes. Em Cingapura, por exemplo, líderes de alto nível no Ministério da Educação são considerados como elementos chave para o sucesso dos projetos nacionais. Eles são formados nas melhores universidades do mundo e possuem grande experiência prática.

- **Alinhamento e coerência**

São ingredientes necessários ao sucesso de um plano de educação de alto nível. Citando novamente Cingapura, lá há um sistema bastante integrado onde o Ministério da Educação, os centros de treinamento de professores, os superintendentes regionais, os diretores e os professores trabalham juntos para discutir e propor mudanças. Na Finlândia, em que há muita autonomia regional, se assegura consistência por meio dos programas universitários de preparação de professores financiados pelo governo, garantindo uma coerência na filosofia de ensino e uma rede formada pelos colégios para dividirem suas práticas de ensino. Com a absoluta autonomia entre as nossas universidades públicas, e também dentro delas, nos cursos de licenciatura, não há como imaginar que alcançaremos consistência na preparação dos futuros professores.

- **Administração e prestação de contas**

Todos os sistemas de ensino lutam para equilibrar centralização e descentralização, entre organizações muito hierarquizadas (*top-down*) e pouco hierarquizadas (*bottom-up*). Alguns sistemas tradicionalmente centralizados, como os da China e Cingapura, têm repassado mais responsabilidade para as escolas. Na Inglaterra, Austrália e EUA houve uma centralização crescente visando a melhorar a educação básica tendo em vista os resultados internacionais. E para justificar seus custos. O programa “*no child left behind*” (nenhuma criança deixada para trás) busca responder às exigências de atendimento a estudantes oriundos de classes de mais baixa renda e reduzir a evasão escolar no ensino básico. Os processos de mudança invariavelmente precisam de uma mistura de incentivos e críticas. A dependência excessiva de uma responsabilização simples e baseada em testes não leva as escolas a padrões elevados. O que os sistemas de alto desempenho, ou que melhoram significativamente, fazem é combinar uma prestação de contas inteligente, multifacetada e transparente com iniciativas que constroem conhecimento profissional e capacidade para implementar e avaliar as melhores práticas no nível escolar. Isso cria uma cultura de melhoria contínua e expectativas cada vez maiores.

- **Motivação dos estudantes**

Quem já visitou salas de aula em Cingapura, ou na China não pode deixar de se impressionar com o intenso engajamento dos alunos com as aulas e com a grande quantidade de alunos que estudam além do que se oferece na escola. Namoro, televisão e esportes ficam em segundo plano em relação aos trabalhos escolares. Uma crença intensa na meritocracia – a ideia de que o esforço, e não a capacidade, é o principal determinante do sucesso – combinada com um sistema de exames que cria um forte incentivo ao trabalho árduo e o valor atribuído à educação pelas famílias como um caminho para a mobilidade social em sociedades onde há, ou houve recentemente, pobreza real, pois juntos criam uma motivação poderosa para estudar muito. Nas salas de aula finlandesas, os alunos também estão intensamente envolvidos, embora de modo diferente. A educação finlandesa está enraizada em ideias de descoberta e autoaprendizagem. Os alunos trabalham sozinhos, ou em grupos em problemas e projetos, muitas vezes de sua própria concepção, desde a escola primária. Além disso, cada escola tem uma série de mecanismos, incluindo professores especiais e grupos de cuidados dos alunos, projetados para garantir que cada aluno individualmente se sinta capaz de ter sucesso acadêmico.

Um risco iminente que percebo na discussão para o novo PNE ora em curso no Brasil é, ao invés de adotar práticas internacionalmente bem sucedidas, mas que dão trabalho e exigem esforço e disciplina, considerar as novas tecnologias de informação como a panaceia da educação. Com o uso intensivo de internet, smart phones, inteligência artificial, etc. crê-se que poderíamos dar um salto na qualidade e abrangência da educação, sem mexer nos processos e nos profissionais da educação em todos os níveis.

De acordo com o relatório da ONU de 2023, um em cada sete países já proíbe o uso de celulares nas escolas. Os Governos como França, Holanda, Finlândia, Israel, China, Austrália, Ontário e Grécia a Gana, Ruanda e Uganda proibiram os telefones celulares nas escolas devido ao impacto negativo na aprendizagem das crianças, principalmente dentro da sala de aula, como era de se esperar. Teríamos coragem de fazer o mesmo?

Os pais de alunos do Colégio Vera Cruz já despertaram para o problema: *“Um grupo de famílias do Vera Cruz, colégio de São Paulo que é referência em pedagogia, enviou uma carta à direção pedindo que o uso do celular pelos alunos seja proibido em todo o ambiente escolar, tanto nas aulas quanto em intervalos e recreio.”*, Gazeta de São Paulo 23/2/2024.

A tecnologia será sem dúvida um instrumento importantíssimo para a educação de qualidade e inclusiva, mas precisa ser colocada no contexto global da educação e não corrige alguns dos gritantes defeitos atuais do nosso sistema.

Seria muito interessante confrontar nosso atual sistema educacional e compará-lo com os sistemas que deram certo no mundo – e foram vários, como está descrito no livro.

Quando não se procura adaptar as boas experiências de países mais bem sucedidos naquilo que queremos enfrentar, estamos aceitando a hipótese de que temos todas as respostas e que o modelo de construção de nossos Planos tem dado ótimos resultados, o que não é verdade.

Temos que deixar de pensar que só devemos olhar o próprio umbigo e aproveitar o que deu certo, para que não se crie novas jabuticabas que só existem no Brasil. Apesar de ser uma boa fruta, nesse caso a comparação não é positiva! Somos o país das soluções autóctones e fáceis que deem certo, como se houvessem balas de prata na educação.

*\*Roberto Lobo é PHD em Física e Doutor Honoris Causa pela Purdue University\*\*, foi Vice-reitor e Reitor da Universidade de São Paulo (USP), Reitor da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Diretor do CNPq onde concebeu o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, entre outros cargos. Atualmente é Presidente do Instituto Lobo e Pesquisador Sênior do IEA-USP.*